

Boas práticas de coleta, armazenamento e comercialização da castanha-do-Brasil

Capacitação e intercâmbio de experiências entre os povos da Amazônia mato-grossense com manejo de produtos florestais não-madeireiros



Projeto de Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade das Florestas do Noroeste de Mato Grosso

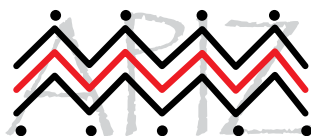
Programa Integrado da Castanha - PIC

Capacitação e intercâmbio de experiências com agentes multiplicadores e comunidades dos povos indígenas Rikbaktsa, Arara do Rio Branco e Zoró , seringueiros da RESEX Guariba Roosevelt e agricultores do Vale do Amanhecer num programa de boas práticas de coleta, armazenamento e comercialização de produtos florestais não-madeireiros

Execução:



Projeto de Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade das Florestas do Noroeste de Mato Grosso



Associação do Povo Indígena Zoró
APIZ



UNIÃO DOS POVOS DA FLORESTA PARA
PROTEÇÃO DOS RIOS JURUENA E ARIPUANÃ

STR DE ARIPUANÃ

Apoio:



Programa de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia
Ministério do Desenvolvimento Agrário



Patrocínio:



© Copyright 2009 - Associação do Povo Indígena Zoró - APIZ

Autor:

Associação do Povo Indígena Zoró - APIZ

Título:

Boas práticas de coleta, armazenamento e comercialização da castanha-do-Brasil

2ª Edição revista e atualizada

Equipe técnica:

Plácido Costa – Coordenação Geral

Renata Mauro Freire – Gestão Participativa de Projetos Comunitários

Luis Fernando Laranja – Gestão de Mercados

André Alves – Comunicação Social

Revisão:

Fernando Xinepukujkap Zoró

Jocineide Feitosa de Souza Arara

Ligia Neiva

Paulo Henrique Martinho Skirip Nambikwara

Projeto gráfico e editoração eletrônica:

Téo de Miranda

Fotos:

Laércio Miranda

Acervo do Projeto de Conservação da Biodiversidade e Uso Sustentável das Florestas do Noroeste de Mato Grosso – Programa Integrado da Castanha

Ficha catalográfica

ISBN: 978-85-88421-49-3

Associação do Povo Indígena Zoró - APIZ

Boas práticas de coleta, armazenamento e comercialização da castanha-do-Brasil:

Capacitação e intercâmbio de experiências entre os povos da Amazônia mato-grossense com manejo de produtos florestais não-madeireiros

Zoró, Rikbaktsa e Arara / Associação do Povo Indígena Zoró - APIZ. -2. ed.- Cuiabá/MT - Defanti Editora, 2009.

Projeto de Conservação da Biodiversidade e Uso Sustentado das Florestas. Programa Integrado da Castanha.

1.Castanha-do-Brasil. 2.PIC - Programa Integrado da Castanha. 3.Manejo. 4.Comercialização. 5.Indígenas.

CDU 634.53



Apresentação

Este livro é o resultado de um longo caminho percorrido por povos indígenas, seringueiros e agricultores da região noroeste do Estado do Mato Grosso que tiveram a ousadia de combinar seu rico conhecimento sobre o comportamento e ecologia da castanha-do-Brasil com o conhecimento especializado de técnicos dos campos da engenharia florestal, antropologia, ecologia, agronomia e economia.

Este “casamento” de conhecimentos e práticas não aconteceu do dia para noite, mas como todo relacionamento, foi sendo construído aos poucos, a partir de muitas conversas ao redor de fogueiras, visitas aos castanhais, aldeias, colocações e assentamentos. Por fim, este conhecimento, que já se encontrava bastante amadurecido, foi amplamente discutido e enriquecido em encontros de intercâmbio e capacitação, transformando-se em um conjunto de boas práticas de coleta, armazenamento e comercialização da castanha-do-Brasil. Estas práticas incluem técnicas simples de melhoria da qualidade da castanha-do-Brasil e cuidados gerenciais que devem ser tomados para o sucesso da sua produção e comercialização, a partir da floresta em pé.

Este livro é especialmente dirigido às escolas indígenas e rurais, considerando que os jovens em idade escolar estão cada vez mais envolvidos nas atividades de coleta e comercialização da castanha, além de possuírem grande facilidade de fazer a ponte entre o conhecimento tradicional dos antigos e as novas tecnologias e conhecimentos gerados por técnicos e pesquisadores. Embora as técnicas de manejo dos castanhais possam ser aprimoradas para que os mesmos continuem sendo bem conservados pelos agricultores, seringueiros e povos indígenas da região do noroeste, o grande desafio destas populações é melhorar a qualidade das castanhas e sua comercialização. Portanto, a proposta deste livro é privilegiar a escola como um lugar de disseminação das boas práticas de coleta, armazenamento e comercialização da castanha-do-Brasil para que os jovens, ao lado de seus pais e avós, produzam castanhas de boa qualidade para que possam ser vendidas a preços mais justos.

Apesar de isso ser um sonho para a maioria dos povos indígenas e comunidades da Amazônia, essa realidade já vem sendo alcançada por alguns povos do Noroeste de Mato Grosso. O povo indígena Arara e os agricultores do Projeto de Assentamento Juruena melhoraram suas práticas de coleta e armazenamento da castanha e obtiveram uma quebra de apenas 11% do estoque coletado e alcançaram preços de R\$ 21,00 a lata contra os R\$ 8,00 pagos pelos atravessadores em 2007. Em parceria com a empresa Ouro Verde Amazônia conseguiram vender a produção da safra 2006/2007 diretamente para uma rede nacional de supermercados. Mesmo sabendo da importância das boas práticas de coleta e armaze-

namento da castanha para melhorar a sua qualidade, estas sozinhas não conseguiriam alcançar todas essas conquistas. Foi preciso colocar em andamento uma série de atividades que garantissem que essas práticas fossem aprimoradas e feitas de forma planejada e continuada, como treinamentos, troca de experiências, fortalecimento das organizações, busca de novos mercados, estabelecimento de parcerias etc.

Para finalizar é importante lembrar que a realização de todas essas atividades somente foi possível com o empenho e dedicação de todos aqueles que integram e participam do Programa Integrado da Castanha (PIC). Unidos em um grande mutirão, coletores, coordenadores da castanha, associações dos povos indígenas Zoró, Rikbaktsa e Arara, associação dos seringueiros dos Rios Guariba e Roosevelt e associações dos agricultores dos Assentamentos Vale do Amanhecer e Juruena, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Aripuanã, equipe técnica e instituições parceiras, como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a Secretaria de Estado do Meio Ambiente de Mato Grosso (SEMA), a Coordenadoria de Agroextrativismo – Ministério do Meio Ambiente, o Programa Petrobras Ambiental e a empresa Ouro Verde juntaram esforços para mostrar que é possível colocar em prática seus conhecimentos, habilidades e recursos a favor da melhoria da qualidade da castanha e uso sustentável da floresta.

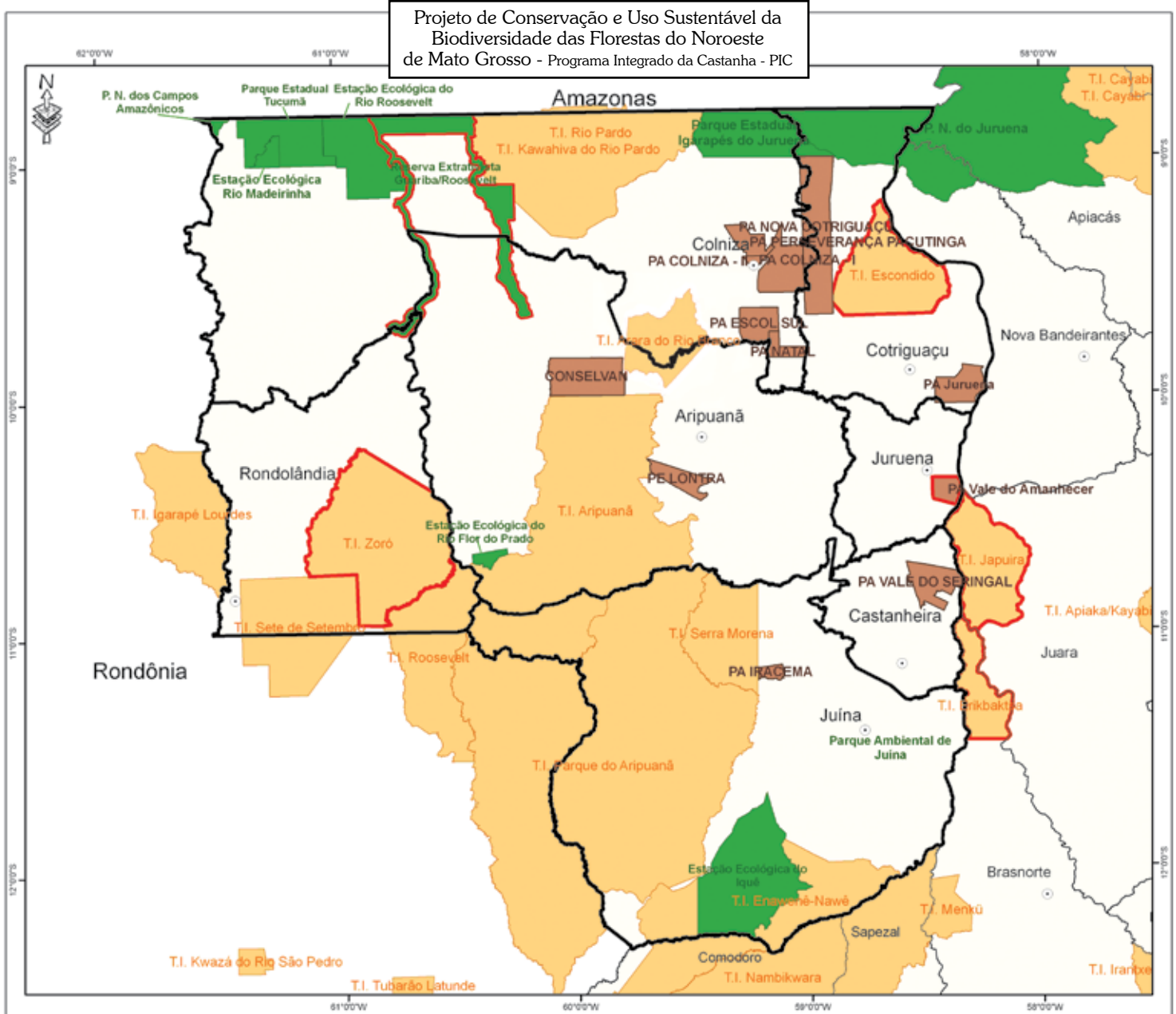
O Ministério do Desenvolvimento Agrário acreditou na força desta proposta e apoiou, através do seu Programa de Igualdade de Raça, Gênero e Etnia, um programa de capacitação e intercâmbio de experiências sobre boas práticas de coleta, armazenamento e comercialização da castanha-do-Brasil para 60 agentes multiplicadores indígenas, os coordenadores da castanha. Essa iniciativa é um exemplo de como o estabelecimento de parcerias é importante para o diálogo entre conhecimentos e saberes em constante construção.



Sumário

Mapa situando os grupos integrantes do PIC.....	6
O contexto do PIC.....	8
A castanheira.....	10
A importância do controle dos fungos no manejo da castanha-do-Brasil	13
Organização social	14
O planejamento do manejo dos castanhais	15
O mapeamento dos castanhais.....	16
Abertura e limpeza dos castanhais.....	17
O processo de coleta	18
A seleção.....	19
O transporte até as aldeias	20
O processo de secagem nas aldeias	20
O armazenamento.....	21
A comercialização.....	22
Os principais desafios	23
O caminho da castanha.....	24
Regras básicas para aumentar o sucesso dos empreendimentos comunitários	26
Considerações finais	33
Glossário	34
Lista de siglas	38
Referências bibliográficas	39

Mapa situando os grupos integrantes do PIC



Grupos Abrangidos pelo Programa Integrado da Castanha



Legenda

- Sede Municipal
- Assentamento PIC
- Assentamentos
- Unidade de Conservação PIC
- Unidade de Conservação
- Terra Indígena - PIC
- Terra Indígena
- Área de Abrangência do Projeto
- Limite Municipal

Escala: 1:1.635.000



Projeção Lambert Conformal Cônica

Dados Verticais: Inédita - Santa Catarina
Dados Horizontais: SAD-69
Origem da Coordenagem: UTM
Equador e Meridiano: 57 W/Gr
acrescidas as constantes: 10.000 km e 500 km
respectivamente.

Base Cartográfica: SEMAMT e IBGE.



Global Environment Facility



Mato Grosso

Secretaria de Estado do Meio Ambiente - SEMAMT



O contexto do PIC

O Programa Integrado da Castanha (PIC) foi criado através do Projeto de Conservação da Biodiversidade e Uso Sustentável das Florestas do Noroeste de Mato Grosso, desenvolvido pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente de Mato Grosso (SEMA), com o apoio técnico do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Atualmente é desenvolvido pelas associações indígenas dos povos Zoró e Rikbaktsa, apoiados pela FUNAI, seringueiros da Reserva Extrativista Guariba Roosevelt e agricultores familiares do Assentamento Vale do Amanhecer.

O PIC não é uma experiência localizada que envolve um povo indígena específico, mas um programa regional que atualmente abrange as Terras Indígenas Erikbaktsa, Escondido, Japuírae Zoró, incluindo ao todo 60 aldeias, a Reserva Extrativista Guariba Roosevelt com 40 colocações e o Assentamento Vale do Amanhecer com 30 lotes, que juntos reúnem mais de um milhão de hectares na região noroeste do Estado de Mato Grosso onde moram 2.200 pessoas.

O objetivo principal do programa é apoiar os povos indígenas, agricultores e seringueiros em sua organização social, nos processos de capacitação e na estruturação do sistema de coleta, seleção, armazenamento e comercialização de castanha-do-Brasil. Além disso, pretende fomentar processos de gestão territorial e geração de renda baseados no uso sustentável da floresta e no respeito às formas de organização social destes povos.

Portanto, o PIC propõe a construção de um “novo modelo” de uso das florestas da Amazônia mato-grossense, a partir de sistemas produtivos alternativos à extração ilegal de minério, à exploração predatória da madeira e ao desmatamento ilegal, que vêm comprometendo a biodiversidade, o controle, a autonomia e a “tradição” dos povos da região.



A castanha-do-Brasil, por ser uma espécie já conhecida e manejada por todos os grupos da região, foi escolhida como carro-chefe do Programa. Ao escolher a castanha, o PIC se preocupou também com a conservação das florestas a partir do fortalecimento e a valorização de outras atividades, como a caça, a coleta de plantas e frutos, se transformando, assim, em um importante instrumento de gestão ambiental em Terras Indígenas.

Embora os olhos do PIC estivessem voltados inicialmente para castanha-do-Brasil, o Programa já está trabalhando com o manejo da seringueira através de uma parceria com a empresa Michelin e pretende incluir outros produtos florestais não-madeireiros com potencial de renda, como o óleo de copaíba, as jóias da floresta (artesanato) etc. Mas isso, é claro, dependerá da avaliação, interesse e decisão dos grupos envolvidos.

Apesar da comercialização da castanha-do-Brasil ser um aspecto importante, a troca de saberes, o respeito e o fortalecimento dos grupos envolvidos são a sua sustentação e principal razão. Portanto, a força do PIC está assentada na organização social, meios de vida e convivência dos povos da floresta.



A castanheira

A castanheira, também conhecida como castanha-do-Brasil, é uma das árvores nativas mais importantes da Amazônia brasileira porque oferece alimento e remédio para comunidades tradicionais, povos indígenas e animais silvestres, como pássaros, pacas, cotias e macacos que ajudam a disseminá-la pelas matas.

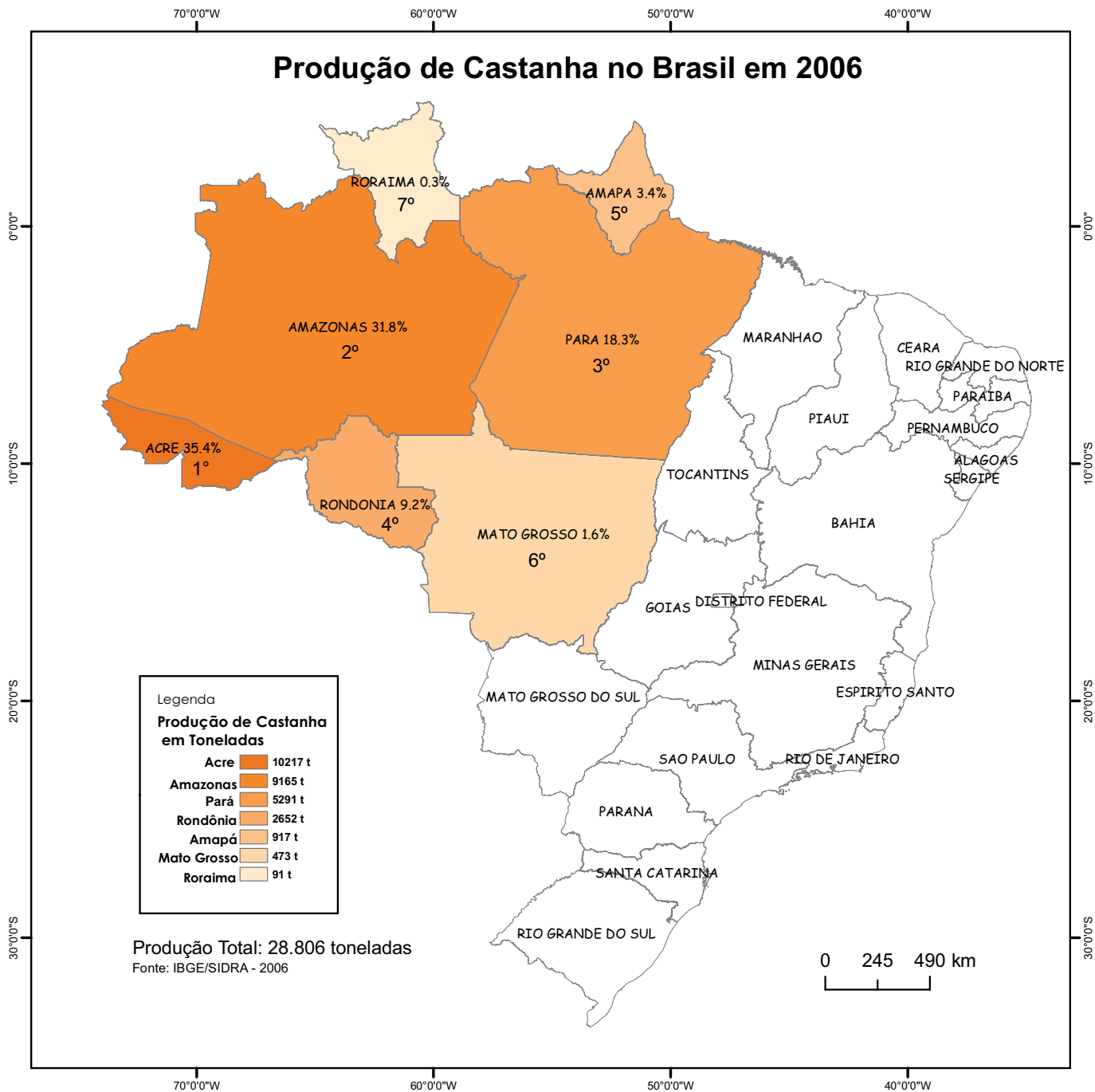
No Brasil, a castanheira ocorre somente na região amazônica nas áreas altas de terra firme e se desenvolve melhor em clareiras. Repare que os maiores castanhais ocorrem principalmente nos Estados do Acre, Amazonas, Pará, Rondônia e Mato Grosso.

A castanheira é uma árvore de grande porte que sobressai acima das copas das outras árvores na floresta, podendo atingir até 50 metros de altura, com um tronco que pode chegar a medir uma roda de 10 a 12 metros e viver mais de 500 anos! Seus frutos, conhecidos como ouriços, podem pesar até 1,5 kg e conter até 25 sementes, que são as castanhas, ricas em vitaminas, gorduras e proteínas.

Além da importância social da castanheira para os povos da Amazônia, a venda das castanhas possui um grande valor para a economia local. Após a decadência da borracha, a castanha-do-Brasil passou a constituir o principal produto extrativista de exportação da região, com uma produção anual em torno de 30 mil toneladas. O Brasil é o segundo país exportador de castanha-do-Brasil, perdendo somente para a Bolívia. No Brasil, mais de 90% da castanha-do-Brasil produzida é comercializada para fora do país, sendo que os maiores compradores são os Estados Unidos, a Inglaterra, França, Alemanha e Itália. Apesar da importância do comércio externo, a comercialização da castanha dentro do país é uma importante fonte de renda para milhares de agricultores, seringueiros e povos indígenas que vivem na Amazônia.

É difícil calcular a produção de uma castanheira porque o número de ouriços varia muito entre um ano e outro e também entre árvores. Só para se ter uma idéia, castanheiras novas produzem de 30 a 50 ouriços ao ano, enquanto que castanheiras maduras de 200 a 400 anos, podem chegar a produzir até 1000 ouriços em apenas um ano!

Produção de Castanha no Brasil em 2006



No entanto, cuidado! Estudos indicam que em áreas em que a coleta é muito intensa, a quantidade de mudas tem diminuído muito. Isso mostra que é preciso investir em cuidados e manejo para evitar que os castanhais muito explorados fiquem sem árvores novas. Outra informação importante: as castanheiras que vivem em áreas abertas, como pastagens distantes das florestas, provavelmente não vão produzir porque os seus polinizadores são abelhas grandes que precisam de áreas de mata para sobreviver.

O desmatamento é outra causa da diminuição dos castanhais. Sua madeira no passado foi muito procurada por madeireiros, pois é bastante resistente, de fácil processamento e muito bonita. Em algumas regiões a procura foi tão grande que levou à destruição completa de castanhais nativos. Por essa razão, o corte de castanheiras nativas foi proibido por decreto federal (Decreto 1.282, de 19 de outubro de 1994). Mas isso não garante a sobrevivência dos castanhais que dependem da floresta em pé para sua reprodução.

A conservação da castanha-do-Brasil depende, portanto, de medidas que criem alternativas à exploração ilegal da madeira e expansão dos desmatamentos, como o fortalecimento das associações comunitárias e o desenvolvimento de projetos e programas, como o Programa Integrado da Castanha, que contribuem para aumentar a renda das famílias a partir das florestas e castanhais em pé.



A importância do controle dos fungos no manejo da castanha-do-Brasil

Garantir a qualidade das castanhas é muito importante para conseguir uma alimentação saudável e para encontrar compradores que paguem preços mais justos. O maior inimigo das castanhas de boa qualidade são fungos que produzem uma substância tóxica chamada aflotoxina, que tem um grande poder de contaminação, deixando as castanhas com uma qualidade ruim para a alimentação, saúde e comercialização.

Repare que a castanha contaminada por aflotoxinas possui uma cor branca, verde ou amarela. A coloração escura no interior da amêndoa também indica contaminação.

Os fungos que contaminam as castanhas precisam de umidade e calor para se multiplicar. Para combatê-los é importante adotar boas práticas que impeçam essas condições na coleta, secagem e armazenamento das castanhas.

Garantir castanhas de qualidade e livres de aflotoxinas, provavelmente, é um dos maiores desafios das comunidades e povos indígenas que pretendem alcançar novos mercados.

Portanto, precisamos agir agora!

Outra questão importante: devido ao seu alto teor de gordura, a castanha-do-Brasil, assim como o coco, o amendoim, a castanha de caju, podem ficar rançosos, ou seja, com sabor e cheiro desagradáveis. Isso ocorre devido às práticas incorretas na coleta e no armazenamento, onde castanhas úmidas são armazenadas em locais pouco ventilados.

Lembre-se que a melhor proteção das castanhas-do-Brasil são as suas cascas, desde que bem conservadas. Portanto, deve-se ter um cuidado especial após o descascamento da castanha, já que a rancificação (processo no qual a castanha fica rançosa) ocorre muito mais rápido com a ação direta do ar e da luz sob a amêndoa. Por isso, a castanha sem casca deve ser armazenada a vácuo (sem ar) e em saco aluminizado para ficar protegida da luz.



Organização social

Em qualquer empreendimento de manejo comunitário, seja de castanha-do-Brasil, copaíba, seringa ou de qualquer outro recurso natural, é fundamental levar em consideração as práticas tradicionais de organização social dos povos envolvidos. À primeira vista isso pode parecer sem importância, mas a experiência mostra que muitas experiências falham por se preocuparem unicamente com os aspectos técnicos, enquanto que o mundo das relações (entre as pessoas e delas com a natureza) é que comanda as decisões no manejo.

No caso do Programa Integrado da Castanha, as aldeias que utilizam um mesmo território foram escolhidas para organizar os sistemas de manejo, coleta e armazenamento da castanha-do-Brasil por possuírem laços de parentesco e representação política comum. Nestas aldeias foram eleitos os coordenadores locais da castanha do PIC, que são as pessoas que têm o respeito das comunidades, demonstram um espírito de inovação e facilitam a troca de informações entre as aldeias.

Os coordenadores locais da castanha funcionam como os principais agentes de fomento, comunicação e disseminação das experiências e resultados do PIC, estimulando a adoção de técnicas de manejo dos castanhais e das boas práticas de coleta, armazenamento e comercialização da castanha-do-Brasil entre as famílias coletoras.

Além do apoio e respeito à organização interna de cada povo indígena e comunidade é fundamental a união de todos em torno de um empreendimento comum. Isso exige que as associações e os grupos organizados estejam preparados para trabalhar e tomar decisões em conjunto, buscar linhas de crédito, assistência técnica e lidar com os agentes externos, como instituições parceiras, intermediários, mercado etc., garantindo, assim, o seu empoderamento, reconhecimento e autonomia.



O planejamento do manejo dos castanhais

Quando são feitas grandes caçadas, roças e pescarias coletivas ou mesmo um grande ritual que envolve muitas pessoas, sempre os mais velhos se reúnem e discutem suas idéias para planejar as melhores maneiras para conseguirem o que desejam.

A mesma coisa deve acontecer com o manejo dos castanhais. Antes de sair coletando as castanhas é preciso investir um pouco de tempo e trabalho no mapeamento, abertura e limpeza dos castanhais. Essas atividades valem à pena serem feitas, pois facilitam muito as atividades de coleta e armazenamento das castanhas.

A proposta aqui é que se passe da fase do extrativismo da castanha para o seu manejo e isto requer planejamento. Como poderemos ver ao longo deste livro, ações planejadas poderão ajudar a melhorar a qualidade das castanhas produzidas, evitar perdas, conseguir melhores preços e ainda oferecer uma grande oportunidade para fiscalizar os territórios, escolhendo para o manejo os castanhais em áreas de risco de invasão.

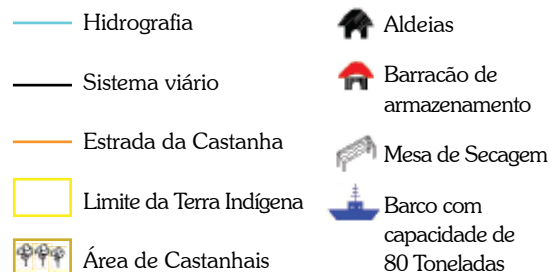
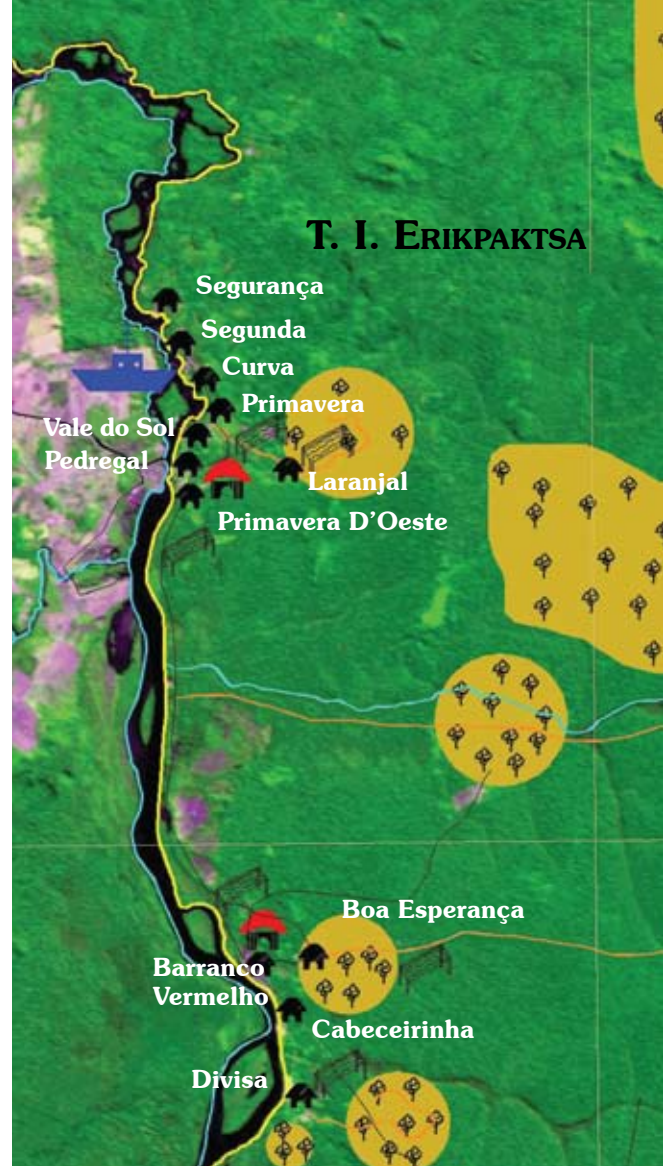


O mapeamento dos castanhais

O mapeamento é um primeiro levantamento das principais informações de uma determinada área, como tamanho e localização dos castanhais, quantidade de árvores de castanha existentes, localização das aldeias, dos barracões de armazenamento, dos igarapés, rios, estradas etc.

O mapeamento pode ser bastante simples como um desenho manual ou pode contar com apoio de instrumentos mais sofisticados como GPS, imagens de satélite ou fotografias aéreas. De uma maneira ou de outra, um bom mapa é aquele que consegue retratar bem uma área.

Por conseguir reunir em um pequeno pedaço de papel tanta informação, o mapeamento é considerado uma importante ferramenta de trabalho, ajudando no planejamento de áreas muito grandes como um seringal, um castanhal ou uma terra indígena.



Abertura e limpeza dos castanhais

Abertura dos piques

Caso o castanhal ainda não tenha sido explorado é importante fazer a abertura dos piques, que nada mais é que o caminho que liga uma castanheira à outra. Geralmente um pique de castanha pode incluir mais de 150 castanheiras!!! Através do mapeamento pode-se planejar melhor os caminhos dentro e entre os castanhais, diminuindo, assim, o trabalho dos coletores.

Limpeza dos castanhais

Nos castanhais não utilizados em safras anteriores é preciso fazer uma limpeza tanto dos piques de castanha como debaixo das castanheiras, livrando-se de cipós, ouriços velhos e outras vegetações, facilitando, assim, a coleta e o transporte dos ouriços da nova safra até as aldeias.

Além de facilitar o trabalho de coleta, o corte dos cipós que crescem sobre as árvores e castanheiras ajuda a aumentar a produção de castanhas.



O processo de coleta

Após a queda dos ouriços não se deve deixá-los muito tempo no chão da floresta, pois isto favorece a contaminação das castanhas, causando uma perda muito grande na produção. O ideal é que a coleta seja feita durante a safra, com pequenos intervalos entre uma coleta e outra, o que encurta o tempo dos ouriços no chão, e com isso as chances de contaminação são menores.

Para fazer uma coleta com segurança os coletores devem usar capacetes e devem retirar e amontoar os ouriços que estão debaixo das castanheiras para fora do alcance de suas copas para evitar acidentes.

Os ouriços devem ser abertos com facão limpo e as castanhas devem ser colocadas em cima de um material de proteção que podem ser lonas plásticas, folhas de palmeira ou sacos plásticos, evitando, assim, o contato das castanhas com a terra. Isto ajuda a evitar a contaminação por fungos.

É nesse momento que é feita a primeira seleção das castanhas onde são retiradas as castanhas quebradas e estragadas.

Todos estes cuidados podem parecer bobagens, mas estudos indicam que a maior probabilidade de contaminação se dá durante a coleta, então, cuidado redobrado!!!



A seleção

A seleção das castanhas deve ser feita em todo o processo de manejo para evitar que uma castanha contamine a outra.

Primeira seleção:

Como dito antes, a primeira seleção é feita durante a coleta das castanhas após a abertura dos ouriços, quando são retiradas as castanhas estragadas ou machucadas com o facão.

Segunda seleção:

Depois de recolhida certa quantidade de castanha (aproximadamente dois dias de trabalho) as castanhas são levadas ao rio ou igarapé para serem lavadas em água corrente. Neste momento é possível identificar as castanhas podres e chochas que geralmente bóiam. Repare que as castanhas boas tendem a afundar.

Terceira seleção:

Depois de lavadas, as castanhas devem ser colocadas em mesas de secagem instaladas nas aldeias como veremos mais adiante. Nos locais que ainda não têm essas mesas as castanhas podem ser colocadas na sombra sobre uma lona estendida no chão. Neste momento é feita a terceira seleção, eliminando as castanhas com rachaduras ou que apresentam manchas de óleo na casca.

Quarta seleção:

Durante o armazenamento deve-se evitar o ensacamento das castanhas para permitir um revolvimento constante, contribuindo, assim, para uma melhor secagem e conservação das castanhas. Durante o trabalho de revolvimento é importante verificar o estado das castanhas, retirando, sempre que possível, todas aquelas que apresentam algum tipo de danificação ou rachadura.



O transporte até as aldeias

Tradicionalmente o transporte das castanhas é feito de forma manual, ou seja, os sacos de castanhas são carregados nas costas dos coletores até as aldeias. As quantidades de castanhas carregadas variam de acordo com a força e possibilidade de cada pessoa. Mulheres e jovens costumam carregar entre 5 a 10 quilos de castanha, enquanto os homens chegam a carregar até 30 quilos! Mas isso é muito variável, pois também depende das distâncias percorridas dos castanhais até as aldeias.



Na Bolívia os coletores com a ajuda do mapeamento dos castanhais fazem um planejamento das estradas e constroem pequenos carros de mão com pneus de borracha que transportam até cinco sacos de castanha. Com esses cuidados e planejamento conseguem diminuir o esforço numa das etapas que é considerada a mais penosa de todas.

O processo de secagem nas aldeias

Cada conjunto de aldeias tem uma mesa de secagem instalada próximo ao barracão de armazenamento, cuja utilização é feita de forma comunitária. A mesa de secagem garante que as castanhas fiquem suspensas e bem ventiladas, facilitando a sua secagem e proteção contra contaminações.

As dimensões das mesas de secagem são de acordo com a capacidade de coleta e produção de cada comunidade. O importante é saber que 1 metro quadrado de mesa comporta 5 quilos de castanha. Vejamos alguns exemplos:

Uma mesa de secagem com 2,70 metros de largura e 5,0 metros de comprimento terá uma área de 13,5 metros quadrados, o que comporta uma quantidade de 65,5 quilos de castanha;

Uma mesa de secagem com 2,70 metros de largura e 7,0 metros de comprimento terá uma área de 18,9 metros quadrados, o que comporta uma quantidade de 94,5 quilos de castanha;

Uma mesa de secagem com 2,70 metros de largura e 10,0 metros de comprimento terá uma área de 27,0 metros quadrados, o que comporta uma quantidade de 135 quilos de castanha.

O Armazenamento

Antigamente as castanhas eram embaladas em sacos reaproveitados de sal, batata e outros alimentos que eram armazenados dentro das casas, galpões ou em qualquer outra estrutura coberta disponível nas aldeias. Apesar desses cuidados isso não era suficiente para evitar o contato das castanhas com a terra, chuva e animais, que prejudicava muito a sua qualidade final.

Para melhorar essa situação o PIC apoiou a construção de barracões de armazenamento dentro de parâmetros técnicos que levam em consideração o potencial de produção dos castanhais e a capacidade de coleta de cada conjunto de aldeias.

Os barracões devem ser elevados do chão cerca de um metro de altura, as paredes e assoalhos devem ter espaçamento entre o madeiramento de 1,5 cm para facilitar a ventilação.

Os Zoró preferiram construir seus barracões seguindo o estilo tupi-mondé, de formato alongado e cobertos com palha, conforme mostra a foto abaixo.

Além disso, os barracões devem ser construídos em locais estratégicos, considerando o escoamento de grandes quantidades de castanha, as distâncias entre as aldeias e outras facilidades para o manejo e retirada das castanhas para a sua comercialização.



A comercialização

A comercialização tem sido um dos maiores desafios para os povos da floresta e o ponto mais frágil da cadeia produtiva da castanha.

Sair da mão dos atravessadores e marreteiros e conseguir um preço justo na venda da castanha-do-Brasil para outros mercados é o grande sonho dos povos da floresta e uma das maiores reivindicações de suas lideranças. Para tornar este sonho realidade, é preciso saber com clareza aonde se quer chegar. E para que isso aconteça é importante responder algumas perguntas:



Quais mercados se quer alcançar?

Local → Regional → Estadual → Nacional → Internacional

Com que tipo de produto?

Castanha em casca → Castanha em amêndoa → Bolachas → Óleo, etc.

Que tipo de valor pretende-se agregar ao produto?

Castanha sem certificação → Castanha com certificação orgânica, florestal, etc.

Quanto mais se sobe nessas escalas, maiores serão os preços conseguidos pela produção. Por outro lado, isso exigirá maior organização das comunidades e suas associações, além de maiores exigências legais e tributárias e o estabelecimento de parcerias. Dependendo de onde se quer chegar, as estratégias e os caminhos a serem percorridos podem ser diferentes, como também o tempo que levará para se chegar lá.

Lembre-se que o importante é dar um passo de cada vez !!!

Os principais desafios

O que mais acontece hoje na Amazônia mato-grossense é a venda da castanha bruta nas aldeias, colocações e assentamentos para os atravessadores da região, que normalmente pagam por ela um preço muito baixo. Estes atravessadores normalmente fazem um primeiro beneficiamento da castanha-do-Brasil, que inclui a secagem e polimento em secadores rotativos, e a vendem no mercado atacadista dos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro ou para empresas beneficiadoras, podendo, assim, ganhar até quatro vezes o valor pago às comunidades produtoras!!!

Então, como mudar essa realidade? Escolhendo novos caminhos!

Segue na próxima página o caminho da castanha-do-Brasil percorrido da floresta até os grandes supermercados, mostrando as várias etapas de beneficiamento que são necessárias para obter a castanha com casca e em amêndoa e, assim, atingir os melhores mercados do país.

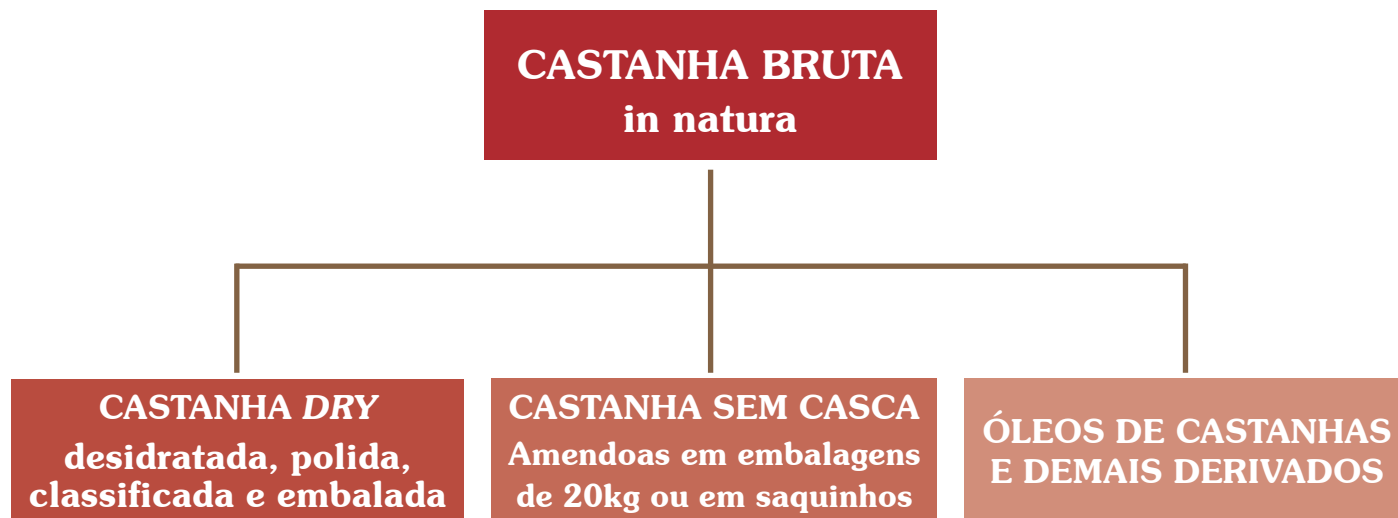


O caminho da castanha

- 1 - Coleta da castanha;
- 2 - Seleção, secagem e armazenamento;
- 3 - Secador rotativo/polimento;
- 4 - Banho à vapor;
- 5 - Quebra manual;
- 6 - Classificação;
- 7 - Forno para desidratação da castanha;
- 8 - Seleção e padronização por tamanho e qualidade;
- 9 - Comercialização para a rede atacadista de mercados.



Percorrendo esse caminho, pode-se obter castanha com casca (*dry*) e castanha em amêndoas, que são as formas mais vendidas nos supermercados e no mercado externo. A castanha em amêndoa pode ser vendida a granel (sacos de 20 quilos) ou em saquinhos menores. Pode-se também produzir derivados mais elaborados, como o óleo e azeite de castanha-do-Brasil.



O
caminho
da castanha



1



2



3



4



5



6



7



8



9

Regras básicas para aumentar o sucesso dos empreendimentos comunitários

Para as comunidades e suas associações alcançarem novos mercados e conseguirem um preço mais justo pelos seus produtos, devem estar atentas para oito regras básicas:

- 1 - Cumprir os princípios de sua entidade;**
- 2 - Definir o foco de atuação;**
- 3 - Ter conhecimento técnico sobre a produção e beneficiamento;**
- 4 - Ter capacidade de organização e gestão do negócio da castanha;**
- 5 - Avaliar a necessidade de capital de giro;**
- 6 - Conhecer as linhas de crédito e mecanismos governamentais;**
- 7 - Estabelecer parcerias com empresas privadas baseadas no comércio justo;**
- 8 - Definir bem o trabalho e responsabilidade de cada um no empreendimento da castanha.**



1 - Cumprir os princípios de sua entidade

Um empreendimento comunitário, seja uma associação ou uma cooperativa, não tem um único dono, portanto, a cooperação de todos os sócios é fundamental para o seu sucesso. Para isso devem-se respeitar as normas e regras estabelecidas e garantir que todos participem ativamente das decisões.

É preciso muita CONVERSA até chegar num acordo, pois quem decide é a comunidade e não o diretor da entidade.

2 - Definir o foco de atuação

Existem várias formas de atuar no mercado da castanha, desde a venda de castanha com casca bruta, com casca beneficiada (*dry*), sem casca (amêndoa) ou mesmo óleo para indústria cosmética ou alimentícia. Cada setor tem suas exigências, seus preços, suas dificuldades e seus clientes.

Portanto, é preciso conhecer e definir qual mercado será atendido em função das condições reais de cada comunidade. Uma sugestão é ter consciência das próprias limitações para ir subindo degrau por degrau no mercado, dominando as técnicas de beneficiamento e comercialização uma de cada vez.

Repare que muitos exemplos de insucesso de empreendimentos comunitários podem ser explicados por desconsiderarem suas condições e limitações. A construção de uma experiência bem sucedida precisa ser dada passo a passo.

Uma vez definido o mercado, procure conhecer as exigências e expectativas do cliente. Isso é fundamental para a continuidade das vendas, como por exemplo, saber como o cliente quer que ensaque a castanha, qual o tamanho da castanha procurado, qual a urgência de entrega do produto para o cliente, qual a dificuldade de localizar um frete para o cliente etc.

Pesquise se há outras associações e comunidades que atendem o mesmo cliente ou público. Troque informações e conhecimentos e tente conhecer o mais que puder sobre as oportunidades e desafios do mercado que foi escolhido.

Você sabia que o mercado define o tipo e tamanho das embalagens? Castanhas em amêndoas, por exemplo, são geralmente vendidas em caixas de 20 kg e embaladas a vácuo em sacos aluminizados. Esse padrão é mundial e vale também para o Brasil.

3 - Ter conhecimento técnico suficiente

Como vimos anteriormente, existem procedimentos para coletar, secar, selecionar e armazenar a castanha que exigem conhecimentos específicos para garantir a qualidade da castanha e com isso evitar o surgimento de fungos (aflotoxinas) e a rancificação, que são os principais problemas enfrentados no caminho da castanha da floresta até os barracões.

Dos barracões até a fábrica de beneficiamento da castanha com casca (*dry*) e em amêndoa, vai aumentando o nível de complexidade das técnicas e dos conhecimentos, pois o mercado e a legislação exigem um controle de qualidade bastante rigoroso da castanha-do-Brasil. O processo de retirada da casca da castanha é manual e qualquer contaminação da amêndoa pode comprometer toda a venda do produto e a credibilidade da associação ou cooperativa.

Para construir e colocar em funcionamento uma fábrica de beneficiamento de castanha-do-Brasil há uma série de exigências da vigilância sanitária e outros órgãos, que inclui no mínimo a autorização da vigilância sanitária da prefeitura municipal e a licença de operação da fábrica que deverá se expedida pelo órgão de meio ambiente do Estado, como a SEMA no Estado do Mato Grosso.

Além dos aspectos operacionais, a troca de experiências com outras comunidades, associações ou cooperativas para conhecer os acertos e erros e os caminhos encontrados para superar as dificuldades são fundamentais para o sucesso de qualquer empreendimento.

Também é importante conhecer as técnicas e as pesquisas já desenvolvidas no setor em que se vai atuar. Elas podem dar dicas importantes para o sucesso do empreendimento. O auxílio de um técnico também é sempre valioso!



4 - Ter capacidade de organização e gerenciamento

As associações dos povos indígenas, seringueiros e agricultores, além de representá-los em seus direitos, possuem um importante papel na busca de recursos e execução dos projetos e empreendimentos em benefício das comunidades. Mas um grande problema é que legalmente essas associações não podem emitir notas fiscais e, portanto, não podem vender legalmente os seus produtos.

A falta de uma personalidade jurídica para a comercialização dos produtos é um dos primeiros entraves a serem resolvidos. É nesta situação que entram os atravessadores, que não exigem nota fiscal (o que é ilegal) e pagam um preço baixo pelos produtos.

Para resolver esse problema, muitas comunidades da Amazônia estão se organizando na forma de COOPERATIVAS. Lembre-se que qualquer forma de representação deve ter as seguintes condições para comercializar seus produtos:

- Ter boa organização e estrutura, com telefone, internet, endereço para correspondência etc.;
- Poder emitir nota fiscal, ter registro nos órgãos competentes;
- Ter facilidade de negociação;
- Ter capacidade de entregar os produtos no prazo combinado;
- Ter conhecimento sobre os impostos e pagá-los em dia;
- Ter conta em banco;
- Ter controle de estoque, etc.;
- Ter um escritório de contabilidade ou contador responsável.

Ufa! Não vamos nos assustar. Com calma e decisão todos estes desafios podem ser superados aos poucos. O mais importante é ter determinação e clareza para dar estes passos.

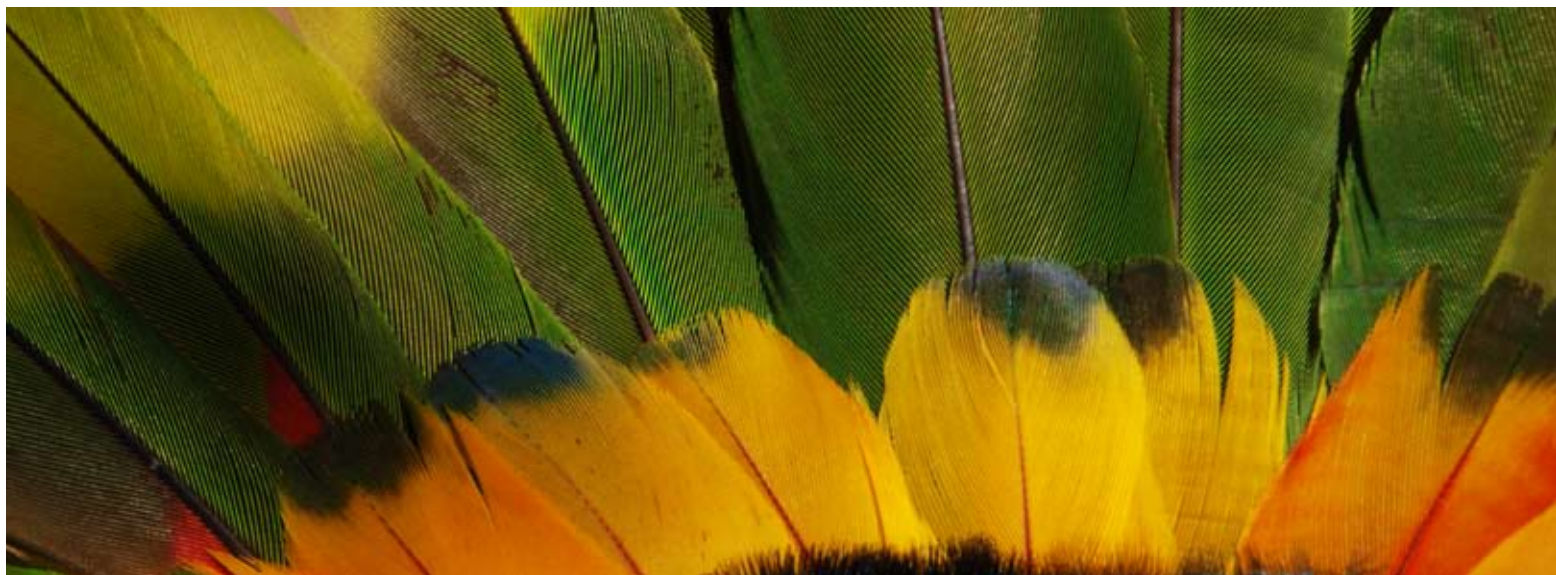
É importante definir a forma de pagamento. Pode-se vender a produção de castanha à vista que é a melhor forma, pois se recebe o dinheiro na entrega da castanha ou a prazo para as grandes empresas como supermercados e indústrias que costumam comprar nessa modalidade. Para vender a prazo é preciso analisar cuidadosamente a “ficha” do cliente para ter certeza de que a comunidade não vai correr o risco de calote.

5 - Avaliar a necessidade de capital de giro

Não adianta saber como trabalhar com a castanha (conhecimento técnico) e saber administrar o empreendimento (capacidade de gestão) se não houver uma reserva de capital (dinheiro) para bancar os custos de produção durante a coleta, beneficiamento e comercialização. Pense sempre em tudo que será necessário para viabilizar a venda do seu produto, como:

- Quais são os custos para regularizar a associação ou cooperativa?
- Quais os custos de manutenção da associação ou cooperativa (água, luz, telefone, contador etc.)?
- Quais são os custos para começar a safra (ferramentas, combustível etc.)?
- Quais são os custos para fazer algum tipo de beneficiamento na castanha, como por exemplo, secagem e polimento?
- Quais os impostos a serem pagos?
- Quanto custa a embalagem para acondicionar os produtos?
- Onde estão os clientes?
- Quanto custa um frete para enviar os produtos aos clientes?

Você sabia que o decreto 1944/89 do ICMS do Estado do Mato Grosso (artigo 333, inciso II) determina o diferimento das operações de comércio de castanha-do-Brasil com casca para vendas dentro do Estado, ou seja, a castanha comercializada dentro do Estado não paga ICMS!



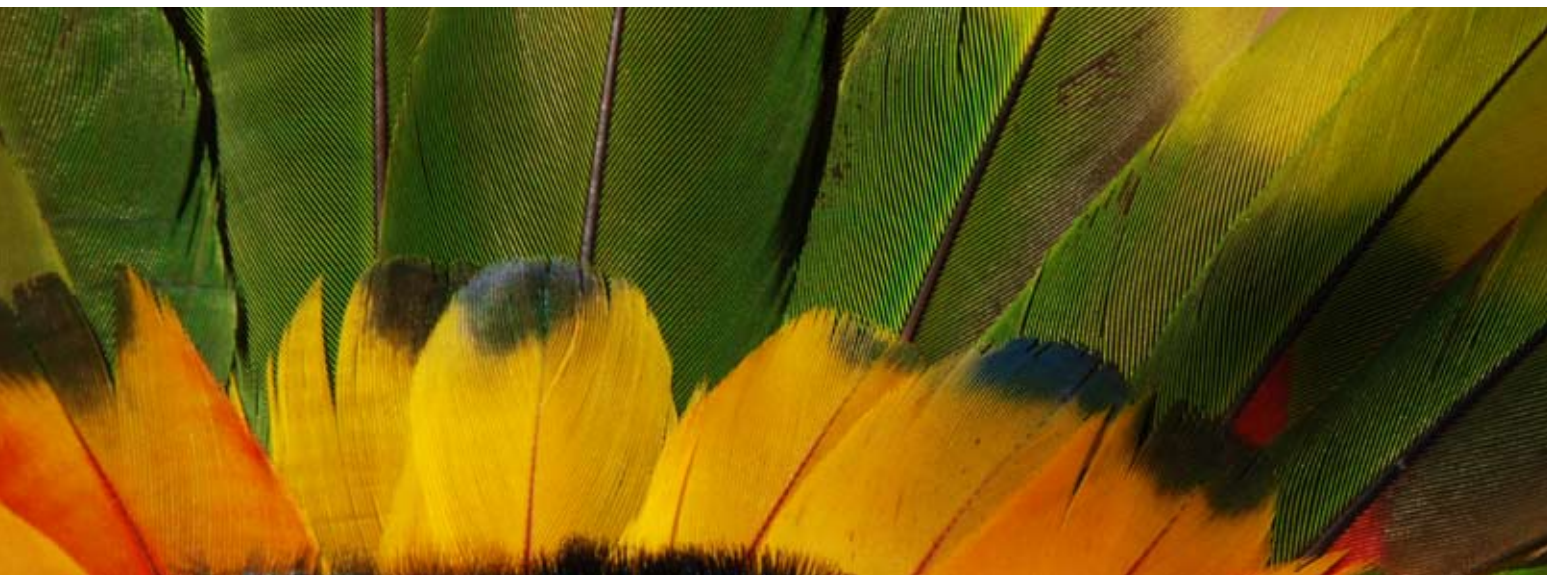
6 - Conhecer as linhas de crédito e mecanismos governamentais de financiamento

Uma vez identificada a quantidade necessária de recursos para viabilizar todas as etapas de uma safra de castanha é importante identificar os recursos que a própria comunidade pode dispor para a alimentação, ferramentas e transporte, e quais os recursos que a associação ou cooperativa deve viabilizar junto a fontes financiadoras ou buscar formas para diminuir estes custos.

É na hora do aperto do dinheiro que entra o marreteiro que compra barato, pois a comunidade fica sem alternativa.

A Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), através da modalidade de Compra Antecipada para Formação de Estoque do Programa de Aquisição de Alimentos, tem realizado empréstimos a juros de 3% ao ano para associações e cooperativas da região amazônica para bancarem os custos de produção de seus associados e poderem armazenar a safra da castanha-do-Brasil. Com isso é possível esperar o melhor momento para vendê-la, quando os preços forem melhores.

Na região noroeste do Estado de Mato Grosso, entre 2006 e 2008 já foram liberados pela CONAB mais de R\$ 1.000.000,00 para as associações dos povos indígenas Zoró, Rikbaktsa e agricultores do Vale do Amanhecer, que possibilitaram a coleta e comercialização de mais de 750 toneladas de castanha!



7 - Estabelecer parcerias com empresas privadas baseadas no comércio justo

Por muito tempo se pretendeu que em pouco tempo as organizações comunitárias amazônicas pudessem dar conta de todas as etapas da cadeia produtiva, desde o manejo dos castanhais até a negociação com o mercado internacional. A experiência mostrou que essa forma de pensar e agir não funcionou na maioria dos casos.

Estabelecer parcerias é muito importante para o sucesso de qualquer empreendimento, seja comunitário ou não, pois cada parte será responsável por aquilo que melhor sabe fazer. Uma boa oportunidade para estabelecer parcerias confiáveis é participar do comércio justo.

O comércio justo é uma modalidade de comércio que busca estabelecer preços justos em todas as operações da cadeia produtiva de um determinado produto. No comércio justo o produtor recebe remuneração justa pelo seu trabalho e diminui ao máximo possível os atravessadores.

Você sabia que na safra 2006/2007 a associação do povo indígena Arara Yucapkatã e os agricultores do Assentamento Juruena conseguiram vender castanhas com casca para rede Comper de supermercados a um valor de R\$ 2,10 o quilo, através de uma parceria com a empresa Ouro Verde Amazônia, quando o valor corrente do quilo da castanha era de R\$ 1,00?

8 - Definir bem o trabalho e responsabilidade de cada um no empreendimento da castanha

Cada pessoa da comunidade tem uma característica, uma habilidade e um interesse especial.

Vejamos alguns exemplos práticos:

Nem sempre aquela pessoa que gosta e sabe colher bem a castanha é um bom administrador.
Nem sempre a pessoa que administra a associação é aquele que sabe coletar ou beneficiar a castanha.
Nem sempre o mais motivado, o líder nato (o empreendedor) é um bom administrador.

Dentro das comunidades, associações e cooperativas deve haver sempre muitas conversas para que todos juntos possam identificar o melhor que cada um pode oferecer para o melhor funcionamento e sucesso dos empreendimentos!

Considerações finais

A combinação criativa dos ensinamentos práticos sobre o manejo de castanhas nativas, vivenciados na lida diária com a floresta pelos povos indígenas, agricultores e seringueiros da região noroeste do Estado do Mato Grosso, com os conhecimentos técnicos adquiridos em encontros e oficinas de trabalho, coordenados pelo Programa Integrado da Castanha sobre técnicas de manejo e boas práticas de coleta, armazenamento e comercialização da castanha-do-Brasil, permitiu a construção de um grande mutirão de pessoas, grupos e instituições de apoio, comprometidos com a busca de novas alternativas que concilia geração de renda e melhoria de qualidade de vida com a conservação das florestas e castanhas. Essa nova proposta tem permitido o entendimento simples que a floresta não deve ser considerada como obstáculo, mas como uma oportunidade para a manutenção e reprodução dos meios de vida e bem estar de todos, índios e não-índios do noroeste de Mato Grosso e de todo planeta.



Glossário

Biodiversidade é um termo bastante utilizado por técnicos e pesquisadores para se referirem às diferentes formas de vida da natureza, incluindo a variedade de vegetação, de animais, de microorganismos e de ambientes naturais. Alguns antropólogos defendem que a biodiversidade não deve ser entendida somente como algo que a natureza produziu, mas em muitos casos como um produto do manejo das comunidades tradicionais, como alguns castanhais na Amazônia.

Cadeia produtiva compreende todas as atividades e operações realizadas desde a produção ou extração de um produto, como castanha-do-Brasil, pescado, mandioca, até o beneficiamento e comercialização para o mercado consumidor.

Capital de giro é a quantidade de recurso financeiro (dinheiro) para uma empresa, uma associação ou cooperativa fazer seus negócios acontecerem (girarem), ou seja, o dinheiro necessário para realizar todas as operações para colocar um empreendimento em funcionamento. O capital de giro, diferente do capital de investimento que é utilizado para expandir o empreendimento, é o recurso utilizado no dia-dia de um empreendimento para pagar os funcionários, o frete, o conserto e manutenção dos carros, a alimentação do pessoal de campo, os materiais de escritório, telefone etc.

Castanha Dry é o termo utilizado pelos grandes compradores para a castanha-do-Brasil com casca polida e seca.

Colocação é a área ocupada pelos extrativistas seringueiros, incluindo a sua moradia, as áreas de roça, as estradas de seringa, os piques de castanha e outras áreas de uso de sua família.

Comunidades tradicionais ou populações tradicionais compreendem os povos não-indígenas (como ribeirinhos, seringueiros, quilombolas, pantaneiros, dentre outros) que: (i) possuem uma forte ligação com os territórios dos seus antepassados; (ii) identificam-se e são reconhecidos pelos outros como grupos com características culturais próprias; (iii) possuem uma linguagem própria; (iv) possuem seus próprios representantes políticos e (v) desenvolvem sistemas de produção voltados principalmente para a subsistência de suas famílias.

Conhecimento tradicional é definido como um conjunto de saberes a respeito da natureza transmitido oralmente, de geração para geração. Para as comunidades tradicionais, especialmente

para as indígenas, há uma ligação muito forte entre o mundo natural, dos espíritos e a sua organização social, diferente do que acontece com o conhecimento técnico e científico que separa essas coisas e só acredita naquilo que pode ser comprovado. Ao contrário do que muitos dizem, o conhecimento tradicional não é simples e rústico, mas um conhecimento bastante sofisticado que envolve muitas observações e aprendizados por longos anos sobre o comportamento da natureza.

Empoderamento é um conceito novo para se referir a um grupo de pessoas que estão conquistando o direito de exercer seu poder na política, na economia e nas suas relações com outros grupos e instituições. Comunidades empoderadas são aquelas que possuem responsabilidade pelo seu trabalho, conhecimento, capacidade de produzir mudanças e de democratizar as suas decisões. O acesso à comunicação e ao conhecimento é essencial para que as pessoas tenham condição de tomar decisões importantes e, assim, tornarem-se empoderadas, ou seja, com poder de fazer as coisas em seu próprio benefício e de sua comunidade.

Empreendimento pode ser um projeto, uma proposta ou uma iniciativa de uma pessoa ou de um grupo com fins sociais, recreativos, religiosos, culturais ou um negócio comercial, industrial ou de prestação de serviços, como uma loja, uma agroindústria, uma cooperativa. O importante é que um empreendimento sempre envolve investimento e, por isso, antes de empreender qualquer negócio ou iniciativa é preciso fazer um planejamento bastante detalhado de tudo que será necessário para o seu funcionamento, além de conhecer bem as condições externas, como a economia local, as instituições que operam na região, a política local, as quais podem favorecer ou prejudicar o empreendimento.

Extrativismo é a atividade de coleta de produtos da natureza, incluindo a caça, as plantas e os minerais. É a atividade humana mais antiga, antecedendo a agricultura, a pecuária e a indústria. Dessa palavra surgiu, na década de 90 com a luta de Chico Mendes, o termo Reserva Extrativista, que é um lugar reservado para que seus moradores continuem praticando o extrativismo através de técnicas de manejo e regras definidas de forma coletiva.

Fotografias aéreas são fotografias tiradas em aviões por meio de câmeras especiais de grande precisão. As fotos aéreas são bem mais caras que as imagens de satélite e possuem uma definição de imagem muito boa, por isso são usadas para áreas menores como sítios, colocações, lotes de assentados, aldeias, onde podem ser identificadas as casas e até as copas das árvores.

Fungos são formas de vida bastante simples. São encontrados em todos os ambientes do planeta, como no solo, na água, nos vegetais, em animais e no homem, sendo que o vento e a

água agem como importantes disseminadores. Na natureza há diferentes tipos de fungos, como bolores, cogumelos, mofos, orelhas de pau etc. Existem fungos que são extremamente prejudiciais para a saúde das pessoas, causando inúmeras doenças e até intoxicação, como é o caso das aflotoxinas que ocorrem nas amêndoas da castanha-do-Brasil.

Gestão ambiental é uma forma organizada de fazer com que os empreendimentos ou qualquer outra atividade causem o menor impacto possível no meio ambiente. Esta organização vai desde a escolha das melhores técnicas de manejo até o cumprimento da legislação ambiental e recuperação de áreas degradadas.

Gestão territorial compreende todas as atividades articuladas e integradas voltadas para o desenvolvimento de um determinado território, que pode ser uma Reserva Extrativista, Terra Indígena, um agrupamento de assentamentos etc. A gestão territorial é um poderoso instrumento de apoio aos processos de planejamento e tomadas de decisões, pois reúne informações, conhecimentos, materiais, pessoas e recursos financeiros importantes para o desenvolvimento de atividades econômicas, ambientais e sociais em um dado território.

GPS é uma sigla em inglês que quer dizer Sistema de Posicionamento Global. É um aparelho que recebe os sinais enviados por satélites para localizar objetos, pessoas ou lugares em diferentes pontos do planeta. O GPS utilizado em projetos de manejo comunitário pode ser comprado em lojas e custa entre 300 e 400 reais, e é simples se comparado ao que se usa em aviões e navios.

Imagens de satélite é um tipo de retrato que um aparelho chamado satélite, que gira em volta da Terra, tira periodicamente há muitos quilômetros do chão. Através das imagens de satélite pode-se observar áreas muito grandes, como florestas, rios, reservas, e por isso é considerada uma ferramenta poderosa para conhecer e manejar os recursos naturais dessas áreas.

Instituições parceiras são instituições e grupos organizados que somam esforços, conhecimentos e recursos visando uma proposta comum. Nas parcerias é importante definir as responsabilidades e limites de cada um sem perder a sua autonomia. Por meio das parcerias as organizações podem desenvolver novas atividades e projetos, fortalecer programas em andamento, ampliar os conhecimentos, captar recursos e aumentar a capacidade de intervenção.

Lata - medida utilizada para a comercialização da castanha-do-Brasil. Cada lata tem 18 litros, o equivalente aproximadamente entre 10 a 12 quilos de castanha, dependendo do seu grau de umidade.

Manejo comunitário é uma forma de atuar na natureza onde as atividades de manejo são feitas de forma coletiva por uma associação, cooperativa ou grupo organizado. As pessoas da comunidade assumem o compromisso, através de estabelecimento de regras comuns, de cuidar da floresta, dos rios, das lagoas etc., garantindo, assim, o fornecimento contínuo dos produtos manejados, como castanhas, óleos, palhas, peixes etc.

Personalidades jurídicas são pessoas ou organizações que assumem formas jurídicas previstas em lei, como, por exemplo, empresas, associações, cooperativas e que são obrigadas legalmente a ter o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CPNJ). Este cadastro é fundamental para se poder exercer uma atividade comercial de maneira legal, como por exemplo, uma cooperativa ou microempresa que produza e comercialize, por exemplo, castanha-do-Brasil, látex ou artesanatos.

Produtos florestais não-madeireiros são todos os produtos que a floresta fornece com exceção da madeira, como frutas, óleos, resinas, palhas, remédios, caça etc.

Reboleira é uma área de concentração de uma mesma vegetação, como por exemplo, um castanhal.

Recursos naturais são elementos da natureza com utilidade para o desenvolvimento, sobrevivência e conforto da sociedade em geral. Podem ser renováveis (que podem se renovar ou serem recuperados), como a água, plantas e animais, ou ainda não renováveis (que não podem ser recuperados em um curto período de tempo), como o petróleo e minérios em geral.

Lista de siglas

APIZ - Associação do Povo Indígena Zoró

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

GEF - Fundo Mundial para o Meio Ambiente (Global Environment Facility)

ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário

PFNM - Produtos Florestais Não-Madeireiros

PIC - Programa Integrado da Castanha

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPIGRE - Programa de Igualdade de Raça, Gênero e Etnia

SEMA - Secretaria do Estado de Meio Ambiente

STR - Sindicato de Trabalhadores Rurais



Referências bibliográficas

ALECHANDRE, A.; BROWN, I. F.; SASSAGAWA, H. S. Y.; GOMES, C. V.A.; AMARAL, E. F.; AQUINO, M. A.; SANTOS, A. A. *Mapa como Ferramenta para Gerenciar Recursos Naturais: um guia passo-a-passo para populações tradicionais fazerem mapas usando imagens de satélite*. Rio Branco: BRILHIOGRAF, 1998.

COELHO, M. F. B.; SANTOS, G. M.; TANNURI, A. M.; ALVES, H. S.; VELASCO, L. N.; SONOHA-TA, M. M. *Relatório sobre o Programa Integrado da Castanha (PIC)*. Convênio PNUD BRA/00/G-31 e SEMA. Cuiabá: PNUD/UFMT, 2006. (Texto-Base desta Publicação)

FIGUEIREDO, C. *Fique Legal: seus negócios e os tributos*. Brasília: IEB, 2005. 37 p.

MMA. *Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil*. DIEGUES, C; ARRUDA, R. S. V. (organizadores). Brasília: MMA; São Paulo: USP, 2001.

PRO-NATURA. *Produtos Florestais Não-Madeireiros: processamento, coleta e comercialização*. Projeto ITTO PD 143/91. Sumário Executivo do Relatório Técnico, 1998.

SHANLEY, P. *Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica*. Belém: CIFOR/IMAZON, 2005.





ISBN 978-85-88421-49-3



9 788588 421493



Projeto de Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade das Florestas do Noroeste de Mato Grosso

Programa Integrado da Castanha - PIC

Capacitação e intercâmbio de experiências com agentes multiplicadores e comunidades dos povos indígenas Rikbaktsa, Arara do Rio Branco e Zoró, seringueiros da RESEX Guariba Roosevelt e agricultores do Vale do Amanhecer num programa de boas práticas de coleta, armazenamento e comercialização de produtos florestais não-madeireiros

Execução:



Projeto de Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade das Florestas do Noroeste de Mato Grosso



Associação do Povo Indígena Zoró
APIZ



UNIÃO DOS POVOS DA FLORESTA PARA
PROTEÇÃO DOS RIOS JURUENA E ARIPUANÃ
STR DE ARIPUANÃ

Apoio:



Programa de Promoção da
Igualdade de Gênero, Raça e Etnia
Ministério do
Desenvolvimento Agrário



Patrocínio:

